A portrait of Robert T. Kiyosaki, a middle-aged man with dark hair, smiling and wearing a dark suit jacket. The background is black.

EDIÇÃO
INÉDITA EM
PORTUGAL

PAI RICO, PAI POBRE

SEGUNDA
OPORTUNIDADE



ROBERT T. KIYOSAKI

v o g a i s

O Homem Que Podia Ver O Futuro
Narrado por Robert Kiyosaki

vídeo

Aceda a www.richdad.com e pesquise
Fuller Future

Dedicatória



Reproduzido com a permissão do espólio
de R. Buckminster Fuller

Este livro é dedicado ao Dr. Richard Buckminster Fuller (1895–1983).

O Dr. Fuller é um homem quase impossível de descrever ou categorizar. É descrito como um futurista, um inventor, um professor, um filósofo e um arquiteto. Por duas vezes foi admitido na Universidade de Harvard e por duas vezes foi convidado a sair.

Tem vários doutoramentos, patentes, prêmios e distinções, incluindo a Medalha de Ouro do Instituto Americano de Arquitetos e a Medalha Presidencial da Liberdade atribuída pelo presidente Ronald Reagan.

Bucky Fuller é mais conhecido pelo seu trabalho na Cúpula Geodésica, uma estrutura utilizada atualmente em todo o mundo. O parque Epcot da Disney World, na Flórida, apresenta uma das cúpulas de Fuller. Foi considerado o primeiro futurista, um homem que transformou a previsão do futuro numa ciência. Muitas das suas previsões concretizaram-se, e muitas ainda se concretizam atualmente.

Muito amado pela sua humanidade, o Dr. Fuller é frequentemente chamado «o Génio Amigo do Planeta» e «o Avô do Futuro».

Em 1982, John Denver escreveu e gravou a canção «What One Man Can Do», dedicando-a ao Dr. Fuller.

Na imagem da página anterior, a cúpula geodésica de Fuller, no Pavilhão dos Estados Unidos na Feira Mundial de 1967 — Expo 67 — em Montreal, no Canadá.

Este livro, *Pai Rico, Pai Pobre: Segunda Oportunidade*, começa com a minha viagem à Expo 67. Apanhei boleia de Nova Iorque até Montreal para ver a cúpula de Fuller... e para ver o futuro.

Nota do autor

Embora este livro faça referências ao governo e à política, não tem uma agenda política. O autor não é republicano nem democrata. Pelo contrário, é um independente.

Este livro refere Deus e o espírito. Não é um livro religioso. Não tem qualquer objetivo religioso. O autor acredita na liberdade de religião, na liberdade de acreditar — ou não — em Deus.

*«Somos chamados a ser arquitetos do futuro,
não suas vítimas.»*

R. Buckminster Fuller

Índice

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	----

PARTE UM: O PASSADO – A VELHA ESCOLA

PARTE UM: INTRODUÇÃO	19
-----------------------------------	----

Capítulo Um

Por que razão os ricos não trabalham por dinheiro	21
---	----

Capítulo Dois

O homem que podia ver o futuro	51
--------------------------------------	----

Capítulo Três

O que posso fazer?	67
--------------------------	----

Capítulo Quatro

O que é um assalto?	81
---------------------------	----

Capítulo Cinco

O próximo <i>crash</i>	119
------------------------------	-----

Capítulo Seis

Quanto é um trilião?	141
----------------------------	-----

Capítulo Sete

Como ver o invisível	165
----------------------------	-----

PARTE DOIS: O PRESENTE – ÉS SÃO OU LOUCO?

PARTE DOIS: INTRODUÇÃO	207
-------------------------------------	-----

Capítulo Oito

Antes e depois	209
----------------------	-----

PARTE TRÊS: O FUTURO – SE O DINHEIRO É LIXO...

PARTE TRÊS: INTRODUÇÃO	239
-------------------------------------	-----

Capítulo Nove

O oposto de «ir à escola»	251
---------------------------------	-----

Capítulo Dez

O oposto de «não cometer erros»	259
---------------------------------------	-----

Capítulo Onze

O oposto de «ter boas notas»	271
------------------------------------	-----

Capítulo Doze

O oposto de «arranjar um bom emprego»	285
---	-----

Capítulo Treze

O oposto de «sair da dívida»	297
------------------------------------	-----

Capítulo Catorze

O oposto de «viver abaixo das suas possibilidades»	313
--	-----

Capítulo Quinze

O oposto de «não fazer batota»	321
--------------------------------------	-----

Capítulo Dezasseis

O oposto de «os ricos são os gananciosos»	327
---	-----

Capítulo Dezassete

O oposto de «investir é arriscar»	337
---	-----

Capítulo Dezoito

O oposto de «poupar dinheiro»	353
-------------------------------------	-----

Capítulo Dezanove

O oposto de «uma emergência é má»	369
---	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	375
-----------------------------------	-----

ÚLTIMAS PALAVRAS	377
-------------------------------	-----

AGRADECIMENTOS	379
-----------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Era uma vez...

Os Estados Unidos eram a nação credora mais rica do mundo.

Era uma vez...

O dólar norte-americano era apoiado pelo ouro.

Era uma vez...

A impressão de dinheiro era um crime conhecido como *contrafação*.

Era uma vez...

Uma pessoa ia para a escola, arranjava um emprego, reformava-se jovem e vivia feliz para sempre.

Era uma vez...

Bastava comprar uma casa e, quando a casa valorizasse, ficava-se rico.

Era uma vez...

Bastava investir no mercado de ações e, quando este subia, ficava-se rico.

Era uma vez...

Um diploma universitário significava um salário mais elevado.

Era uma vez...

A idade era um trunfo.

Era uma vez...

Um reformado podia contar com a Segurança Social e o Medicare para cuidarem de si.

Infelizmente, o *Era uma vez* acabou. O conto de fadas acabou. O mundo mudou e continua a mudar.

P: *Então, o que é que uma pessoa faz agora?*

R: É precisamente o tema deste livro. Este livro é sobre uma segunda oportunidade para si, para o seu dinheiro e para a sua vida.

Este livro é composto por três partes: o Passado, o Presente e o Futuro.

O Passado... analisa *as verdadeiras causas* da crise financeira que estamos a enfrentar.

O Presente... analisa a *sua* situação atual.

O Futuro... mergulha no que é a *educação financeira* — e no porquê de a educação financeira ser o oposto da educação tradicional.

A palavra mais importante hoje é a crise. Lembre-se de que qualquer crise tem duas faces, dois lados: *perigo* e *oportunidade*.

A sua segunda oportunidade exige que evite os *perigos* que se avizinham e que esteja preparado para as *oportunidades* que existem numa *crise financeira global e crescente*.

Existem três tipos básicos de colapsos financeiros: o *crash* da bolsa, o *crash* do mercado imobiliário e o colapso da moeda.

Este livro é sobre um possível colapso da moeda.

Parte Um

O PASSADO

A VELHA ESCOLA

Ir à escola, arranjar um emprego,
trabalhar arduamente, poupar dinheiro,
comprar uma casa, livrar-se das dívidas
e investir a longo prazo no mercado de ações.

Parte Um: O passado

INTRODUÇÃO

No outro dia, estava num Starbucks e encontrei um amigo que não via há anos. Embora tenha ficado feliz de o ver, fiquei surpreendido por encontrá-lo a trabalhar atrás do balcão.

«Há quanto tempo trabalhas aqui?», perguntei.

«Cerca de cinco meses», respondeu-me enquanto anotava o meu pedido.

«O que é que aconteceu?», questionei.

«Bem, depois da queda do mercado em 2007, perdi o meu emprego. Encontrei outro, mas esse emprego também não durou muito. Por fim, depois de esgotarmos a nossa reforma e as nossas poupanças, perdemos a nossa casa. Não nos conseguimos aguentar.» E continuou: «Não te preocupes. Temos estado a trabalhar. Não estamos desempregados. Ambos temos empregos, mas não estamos a ganhar muito dinheiro. Por isso, eu trabalho aqui no Starbucks para ganhar uns trocos. Percebes, trabalho para ganhar uns *bucks* no Starbucks?», disse ele, rindo alto.

Afastando-me para que os clientes atrás de mim pudessem fazer os seus pedidos, perguntei: «Então, o que estás a fazer para o teu futuro?»

«Voltei a estudar. Estou a tirar outro mestrado. É divertido estar de novo na escola. Até tenho algumas aulas com o meu filho. Ele está a tirar o seu primeiro mestrado.»

«Pago com empréstimos estudantis?», perguntei.

«Sim. Que mais podemos fazer? Eu sei que são empréstimos terríveis. Sei que vou trabalhar para o resto da minha vida, só para pagar o *meu* empréstimo. O meu filho tem mais tempo para pagar o dele. Mas todos nós precisamos de mais educação se quisermos empregos

bem remunerados. Temos de ganhar dinheiro. Precisamos de ganhar a vida. Por isso, estamos a estudar.»

Paguei o meu café e peguei no copo fumegante. Quando lhe ofereci uma gorjeta, ele recusou... e eu sei porque recusou. Por isso, desejei-lhe sorte e saí porta fora.

A primeira parte deste livro é sobre o passado. Mais especificamente, como chegámos a esta crise financeira global.

Como George Orwell escreveu no seu livro *1984*:

*«Numa época de engano universal,
dizer a verdade é um ato revolucionário.»*

Capítulo Um

POR QUE RAZÃO OS RICOS NÃO TRABALHAM POR DINHEIRO

*«Estão a jogar com dinheiro...
A nossa riqueza é roubada através do dinheiro
para o qual trabalhamos.»*

R. Buckminster Fuller

Pai Rico, Pai Pobre foi publicado por mim, em edição de autor, em 1997. Teve de ser assim porque todas as grandes editoras a quem o apresentámos recusaram-no. Alguns editores comentaram: «Vocês não sabem do que estão a falar.»

Alguns dos pontos a que se opuseram foram as declarações do meu pai rico, tais como:

1. A sua casa não é um ativo.
2. Os aforradores são uns falhados.
3. Os ricos não trabalham por dinheiro.

Dez anos mais tarde, em 2007, aconteceu a crise do crédito hipotecário e milhões de proprietários descobriram — por si mesmos — que a sua casa não é um ativo.

Em 2008, o governo dos Estados Unidos e o Banco da Reserva Federal começaram a imprimir biliões de dólares, fazendo com que milhões de aforradores ficassem a perder com a perda de poder de compra devido à inflação, ao aumento dos impostos e às baixas taxas de juro das suas poupanças.

A primeira lição do pai rico em *Pai Rico, Pai Pobre* é «Os ricos não trabalham por dinheiro»... e foi o menos criticado dos três ensinamentos do pai rico sobre dinheiro. Neste capítulo vai aprender por que razão este comentário é o mais importante nas lições do meu pai rico e porque é importante compreendê-lo antes de considerar as suas oportunidades para uma segunda hipótese — um novo começo tanto para o seu dinheiro como para a sua vida.

O que precisa de saber sobre dinheiro

O tema do dinheiro pode ser complexo e intimidante. Mas se começar pelos princípios básicos e os utilizar como blocos de construção, pode adquirir os conhecimentos necessários para compreender o dinheiro e o investimento e como fazer com que o seu dinheiro trabalhe para si.

Aquilo que precisa de saber sobre o dinheiro é que se trata de um tema sobre o qual *pode* tornar-se mais inteligente, e que pode dar-lhe a confiança necessária para tomar decisões informadas e fundamentadas.

P: *Quem precisa de uma segunda oportunidade?*

R: Todos nós.

P: *Porquê?*

R: Porque o dinheiro — tal como o conhecemos — mudou e continua a mudar.

P: *Porque é importante?*

R: Porque os pobres vão ficar mais pobres, a classe média vai diminuir e os ricos vão ficar mais ricos.

P: *Penso que todos sabemos isso. O que é que há de diferente no facto de os ricos ficarem mais ricos e todos os outros ficarem mais pobres?*

R: Muitas pessoas que hoje são ricas estarão entre os novos pobres.

P: *Porque é que os ricos se tornarão os novos pobres?*

R: Há muitas razões. Uma delas é o facto de muitas pessoas ricas medirem a sua riqueza em dinheiro.

P: *O que é que isso tem de mal?*

R: O facto de o dinheiro já não ser dinheiro.

P: *Se o dinheiro já não é dinheiro, então o que é o dinheiro?*

R: O conhecimento é o novo dinheiro.

P: *Então, se o dinheiro é conhecimento, está a dizer que muitos dos que hoje são pobres e da classe média têm a oportunidade de se tornarem os novos-ricos de amanhã?*

R: Exatamente. No passado, os ricos eram aqueles que controlavam terras e recursos como o petróleo, as armas ou as grandes empresas. Atualmente, as coisas são diferentes. Hoje, vivemos na Era da Informação — e a informação é abundante e muitas vezes gratuita.

O petróleo foi o sangue vital da Era Industrial, mas a Era Industrial está a morrer. Embora isso possa ser uma boa notícia para muitos, significa um desastre para vários países.

P: *Então, porque é que nem toda a gente é rica?*

R: É preciso educação para transformar informação em conhecimento. Sem educação financeira, as pessoas não podem transformar a informação em riqueza pessoal.

P: *Mas os Estados Unidos gastam milhares de milhões na educação. Por que razão há mais pobres do que ricos?*

R: Centenas de milhares de milhões de dólares *são* gastos na educação, mas quase nada é gasto na educação *financeira*.

P: *Por que motivo a educação financeira não é ensinada nas escolas?*

R: Há muito tempo que faço essa pergunta, desde os meus 9 anos de idade.

P: *E o que descobriu?*

R: Aprendi que o conhecimento é poder. Se quer controlar a vida das pessoas, limita o seu conhecimento. É por isso que, ao longo da História, os déspotas queimaram livros e exilaram (e até mataram) aqueles que tinham conhecimento e ameaçavam o seu poder. Antes da Guerra Civil norte-americana, em muitos estados, era contra a lei ensinar os escravos a ler e a escrever. O conhecimento é a força mais poderosa do mundo. É por isso que o controlo do conhecimento é essencial para o controlo do poder.

A fórmula é:

Informação x Educação = Conhecimento

O conhecimento é poder; a falta de conhecimento é fraqueza.

O meu pai pobre era um homem muito culto, com um doutoramento, mas não tinha quase nenhuma educação financeira. Tinha autoridade no sistema escolar, mas pouco poder no mundo real.

O meu pai rico nunca acabou a escola, mas era muito instruído no mundo do dinheiro. Apesar de ter menos educação formal do que o meu pai pobre, tinha mais poder no mundo real do que ele.

P: *Então, os que estão no poder mantêm o controlo desse poder através do sistema escolar... através do que é ensinado e do que não é ensinado. É por isso que não há educação financeira nas escolas?*

R: Creio que isso é verdade. Atualmente, o conhecimento financeiro é mais poderoso do que uma arma ou os chicotes e

grilhetas da escravatura. A falta de educação financeira escraviza milhares de milhões de pessoas em todas as partes do mundo.

P: *O que é que substituiu os chicotes, as grilhetas e as armas?*

R: O sistema monetário.

P: *O sistema monetário? O nosso dinheiro? Como é que o sistema monetário controla as pessoas?*

R: O sistema monetário foi concebido para manter as pessoas pobres, não para as tornar ricas. O sistema monetário foi concebido para manter as pessoas a trabalhar arduamente para ganhar dinheiro. O dinheiro escraviza aqueles que não têm educação financeira. Aqueles que não têm educação financeira tornam-se escravos de um salário.

E a nossa riqueza é roubada através do dinheiro, através daquilo para que a maioria das pessoas trabalha toda a sua vida. É por isso que as pessoas que mais trabalham por dinheiro, muitas vezes chamadas de «trabalhadores pobres», vão ficando mais pobres, não mais ricas, por mais que trabalhem.

P: *Como é que a nossa riqueza é roubada através do nosso dinheiro?*

R: Há muitas formas. Talvez já conheça algumas delas.

São elas:

1. Impostos

O valor do trabalho é roubado através dos impostos.

2. Inflação

Os preços sobem quando os governos imprimem dinheiro. Quando os preços sobem, as pessoas trabalham mais, mas pagam mais em impostos e inflação.

3. Poupanças

Os bancos roubam a riqueza dos aforradores através de um processo bancário conhecido como sistema de reservas

fracionárias. Vamos usar uma reserva fracionada de 10, como exemplo. Um aforrador coloca 1 dólar na sua conta poupança. O banco está autorizado a emprestar 10 dólares, contra esse 1 dólar, aos mutuários. Esta é outra forma de «imprimir dinheiro» que, além de ser inflacionista, reduz o poder de compra do dinheiro de um aforrador. Esta é uma das várias razões pelas quais o meu pai rico costumava dizer: «Os aforradores são uns falhados».

Mais à frente neste livro explicarei outras formas de o seu dinheiro lhe ser roubado. Como já referi, o sistema monetário foi concebido para tornar as pessoas mais pobres, não mais ricas.

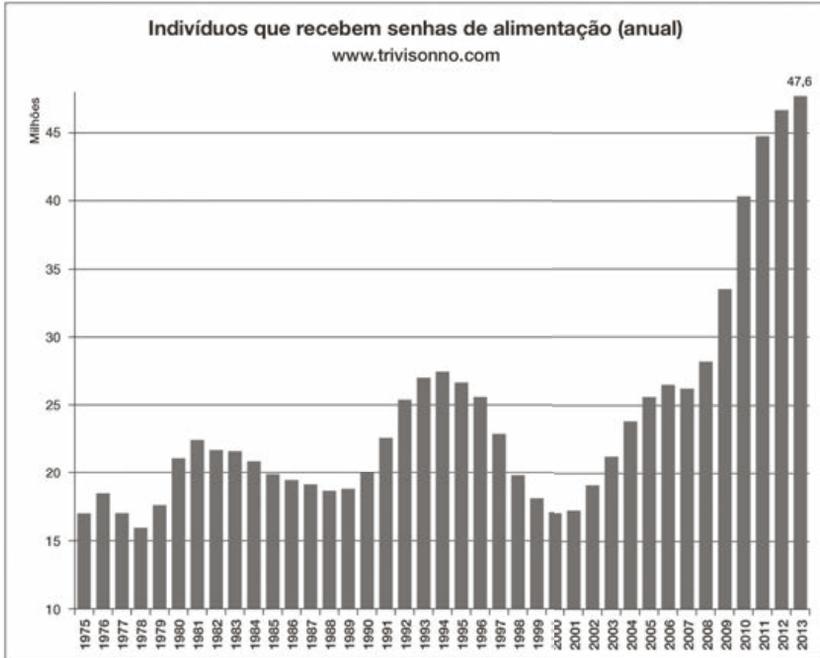
P: *Pode provar isso?*

R: Vou mostrar-lhe um gráfico. Como diz o ditado, «uma imagem vale mais do que mil palavras». O gráfico não é uma prova, mas conta uma história, neste caso, sobre o aumento do número de pessoas que necessitam de assistência governamental.

A guerra contra a pobreza

Em 1964, o presidente Lyndon Johnson declarou guerra à pobreza. Muitos acreditam que ganhámos essa guerra. Outros não. O gráfico abaixo mostra o número de pessoas que usam «senhas de alimentação», hoje chamados de SNAP: Programa de Assistência Nutricional Suplementar. Embora muitos acreditem que ganhámos a guerra contra a pobreza, a crescente dependência das senhas de alimentação conta uma história diferente.

O gráfico dos indivíduos que recebem senhas de alimentação mostra que, em 1975, cerca de 17 milhões de pessoas recebiam senhas de alimentação. Em 2013, o número tinha aumentado para cerca de 47 milhões de pessoas e continua a aumentar.



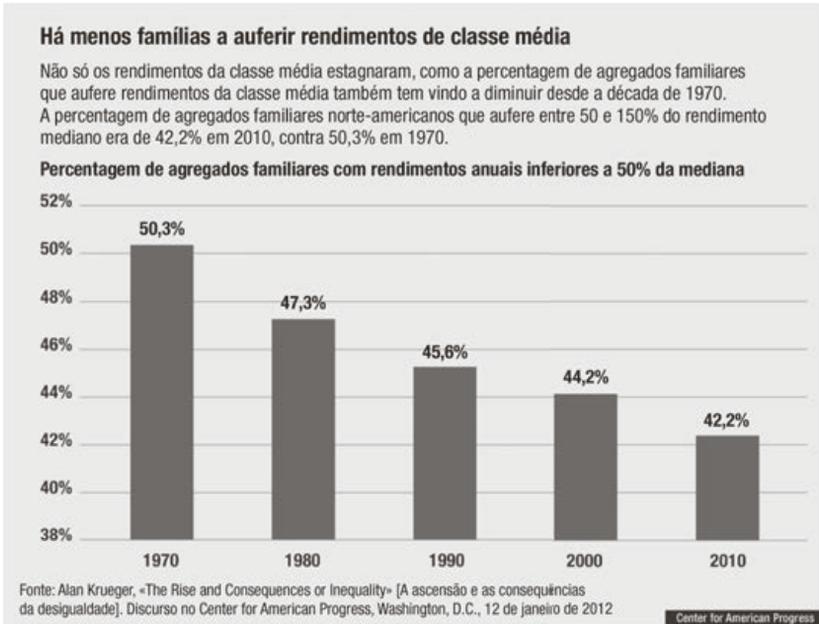
P: *Se o número de pessoas pobres está a aumentar, de onde é que elas vêm?*

R: Da classe média. Muitos dos pobres de hoje eram norte-americanos da classe média há alguns anos.

A guerra contra a classe média

O gráfico seguinte mostra o que está a acontecer à classe média.

Há alguns anos, o jornalista televisivo Lou Dobbs escreveu um livro sobre este declínio da classe média, *The War on the Middle Class: How the Government, Big Business, and Special Interest Groups Are Waging War on the American Dream and How to Fight Back* [*A Guerra à Classe Média: Como o governo, as grandes empresas e os grupos de interesses especiais estão a travar a guerra ao sonho americano e como resistir*]. O seu argumento: se a classe média está em declínio, os Estados Unidos estão em declínio, uma vez que a classe média é o motor da economia norte-americana.



Durante a campanha presidencial de 2012, ambos os candidatos, Barack Obama e Mitt Romney, prometeram salvar a classe média. Uma mente curiosa poderá perguntar: «Por que razão precisa a classe média de ser salva?» Como a maioria de nós sabe, se o governo está a prometer salvar-nos, é porque já perdemos.

A inflação rouba a riqueza

O sistema monetário rouba-nos a riqueza através da inflação. O gráfico da página seguinte explica por que razão os pobres e a classe média estão a lutar, independentemente do esforço que fazem.

P: *Como é que o sistema monetário provoca a inflação?*

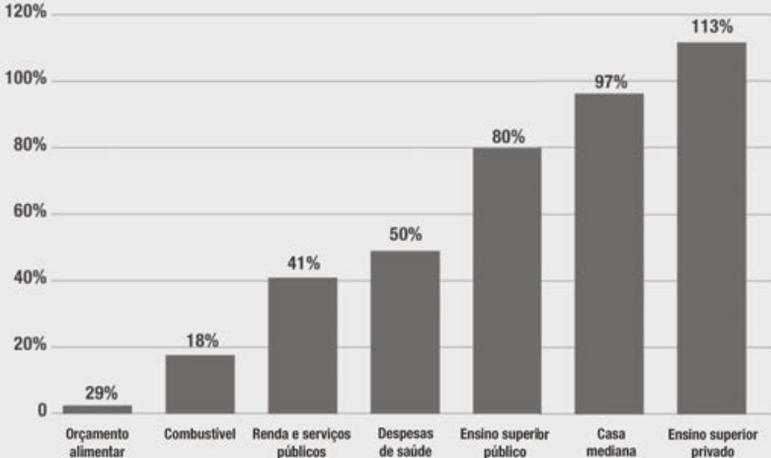
R: A principal causa da inflação é a impressão de dinheiro.

Quando se imprime dinheiro — seja através dos bancos ou dos governos — acontecem duas coisas: a inflação e os impostos aumentam. Quando os preços e os impostos sobem, as pessoas têm dificuldades financeiras.

O custo de bens e serviços importantes para a classe média aumentou rapidamente

Embora os rendimentos da classe média tenham estagnado, o custo de bens e serviços fundamentais para a classe média aumentou significativamente. Se estas compras fossem luxos, então, o grande aumento de preços não seria muito preocupante. No entanto, cuidados de saúde, educação universitária e casa própria não são luxos. São características essenciais para entrar ou pertencer à classe média, e o custo de todas elas aumentou significativamente mais depressa do que a inflação.

Aumento dos preços, líquido de inflação global (1970–2009)



Fonte: Senate Committee on Health, Education, Labor, and Pensions «Saving the American Dream The Past, Present and Uncertain Future of America's Middle Class» [«Salvar o sonho americano: o passado, o presente e o futuro incerto da classe média da América»] 2011

Center for American Progress

P: *De que forma as pessoas sobrevivem quando os preços sobem?*

R: Quando os preços sobem, as pessoas utilizam os seus cartões de crédito para sobreviver.

Muitos são forçados a cortar despesas... como uma alimentação mais saudável ou cuidados dentários. Muitos tornam-se escravos da dívida. E muitos mais tornam-se pouco mais do que servos contratados, ou escravos dos seus ordenados.

Escravos da dívida

Quando o rendimento da classe média diminuiu e os impostos e os preços subiram, muitos recorreram aos cartões de crédito para sobreviver, tornando-se escravos da dívida.

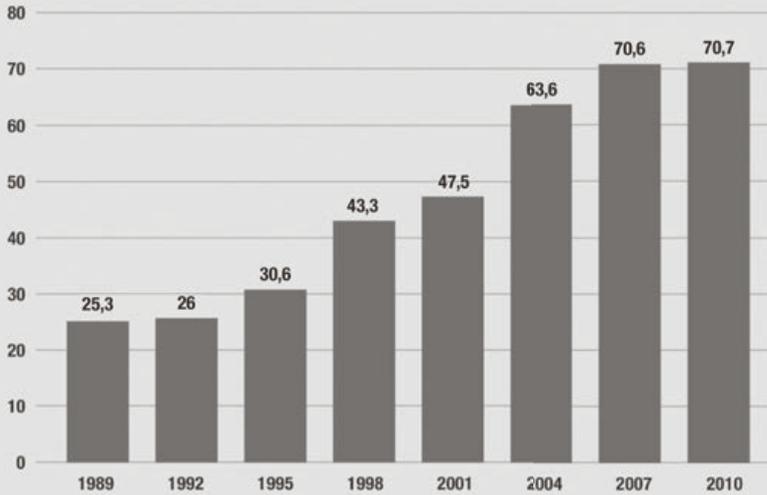
O gráfico da página seguinte conta essa história.

Atualmente, os impostos, a dívida e a inflação são os grilhões de ferro que prendem os escravos modernos.

O nível de endividamento das famílias também está a aumentar

As famílias estão a endividar-se mais à medida que enfrentam a estagnação dos rendimentos e o aumento dos custos de bens fundamentais. O endividamento médio quase triplicou, de 25 300 dólares para 70 700 dólares. Em 2010, a família típica tinha um nível de endividamento que representava 154% do seu rendimento anual. Em 1989, esse rácio era de apenas 58%.

Mediana da dívida das famílias (milhares de dólares de 2010)

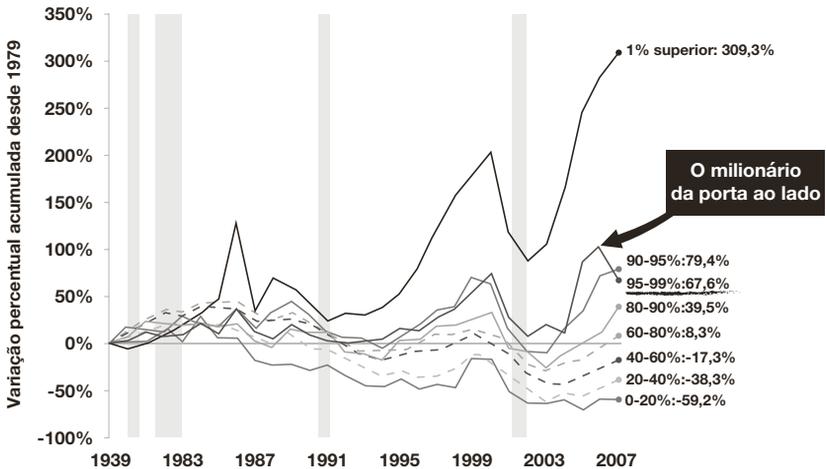


Fonte: Board of Governors of the Federal Reserve System, «Survey of Consumer Finance»

Center for American Progress

Dois tipos de ricos

Varição acumulada do rendimento de capital anual real das famílias, por grupo de rendimento, 1979–2007



O milionário da porta ao lado

P: *Como é que os ricos estão a ficar mais ricos, se os pobres e a classe média estão a ficar mais pobres?*

R: Há dois tipos de pessoas ricas. Um tipo de ricos são os verdadeiramente ricos, e esses estão a ficar mais ricos. O outro tipo de ricos está a ficar mais pobre. O gráfico da página anterior conta essa história.

P: *Estou a ver que os ricos, o 1% superior, estão a ficar mais ricos. Mas o que está a acontecer aos 90–95%? Porque está o seu rendimento a diminuir? São esses os ricos de que está a falar, os ricos que estão a ficar mais pobres?*

R: Sim. Este gráfico conta a história de dois tipos diferentes de pessoas ricas. Como se pode ver no gráfico, os verdadeiros ricos, o 1% do topo de todos os norte-americanos, tornaram-se extremamente ricos, com um ganho de 309% no rendimento desde 1979.

No entanto, os 95–99% mais ricos estão a perder terreno. O seu rendimento não está a crescer.

P: *Foi por isso que disse há pouco que alguns dos ricos se tornaram os novos pobres?*

R: Sim. Repare que o gráfico que acabámos de ver só nos leva até 2007.

Foi nesse ano que começou a Grande Recessão. Depois de 2007, muitos milionários foram dizimados pelo fiasco das hipotecas *subprime* e pela queda da bolsa.

P: *Então este gráfico seria pior hoje?*

R: Sim. O 1% superior dos norte-americanos ficou mais rico. Muitos dos outros, o outro tipo de ricos que descrevi, estão agora mais pobres. Muitos passaram de ricos a pobres em menos de um ano. Muitos foram dizimados quando perderam os seus empregos bem remunerados, as suas casas e a sua riqueza quando as carteiras de ações entraram em colapso.

Dos ricos que sobreviveram ao *crash* e continuam nos 20% superiores, muitos (devido à inflação) estão a ficar mais pobres. Alguns já passaram para a classe média.

P: *Diga-me outra vez... qual é a diferença entre os dois tipos de ricos?*

R: Um dos tipos de ricos são as pessoas com empregos bem remunerados, como executivos de empresas, profissionais liberais como médicos e advogados, desportistas e estrelas de cinema. São os ricos com rendimentos elevados.

O outro tipo de rico é a pessoa que não precisa de um emprego para ser rico. A maioria destas pessoas é rica em ativos.

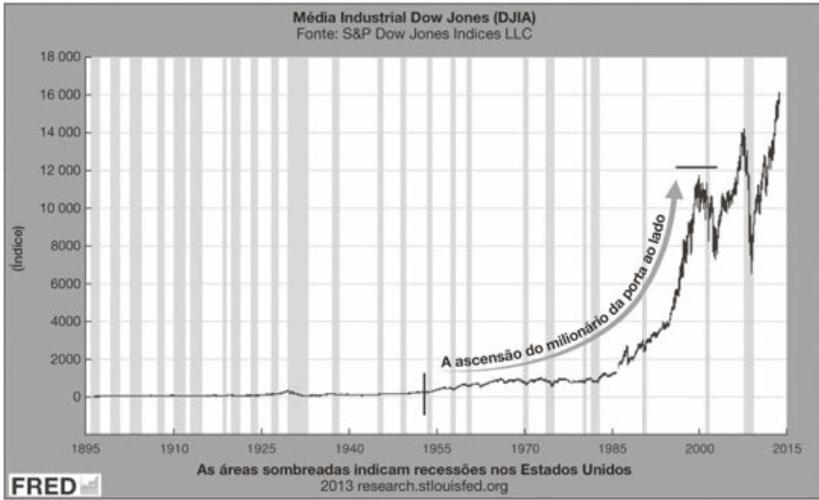
O milionário do lado

Em 1996, foi publicado *O Vizinho Milionário*. Foi um livro extraordinário para a sua época. Escrito por Thomas J. Stanley e William D. Danko, o livro descrevia como cidadãos comuns da classe média se tornaram milionários. Conseguiram-no sem serem o Donald Trump, o Steve Jobs ou o Gordon Gekko do filme *Wall Street*. Não eram estrelas de cinema milionárias, estrelas de *rock* ou desportistas profissionais. Tornaram-se milionários da classe média por terem uma boa educação, viverem numa casa modesta num bairro de luxo, conduzirem carros discretos, pouparem dinheiro e investirem regularmente no mercado de ações.

Muitos eram «milionários com património líquido», pessoas que se tornaram ricas em resultado do aumento do valor das suas casas e das suas carteiras de reforma. Tornaram-se milionários da classe média através da inflação, por fazerem parte da economia norte-americana em crescimento. Eram a prova viva do sonho americano.

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 assinalaram o início do novo milénio e o fim do sonho americano.

O gráfico seguinte mostra que, desde o 11 de setembro, a vida do milionário do lado não tem sido fácil.

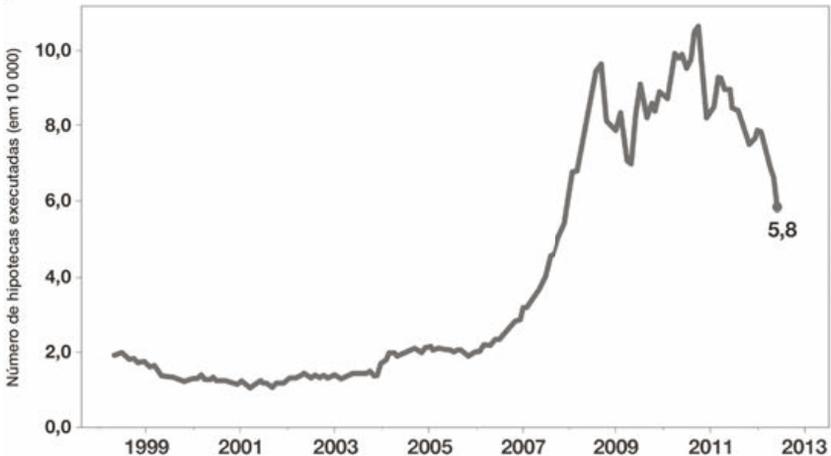


Em 2000, o *crash* do NASDAQ ou a bolha da Internet desencadearam uma série de *booms* e de *busts*, que fizeram com que muitos milionários saíssem da categoria de milionários.

A execução da hipoteca na porta ao lado

Em 2007, quando rebentou a bolha do crédito hipotecário de alto risco, muitos milionários ficaram com as hipotecas executadas.

Hipotecas executadas nos Estados Unidos
junho de 2012



Antes de 2007, os preços da habitação estavam a subir de forma constante há anos. À medida que os preços das casas subiam, milhões de proprietários começaram a contrair «empréstimos para aquisição de casa própria», que muitos usaram para pagar dívidas de cartão de crédito ou ir de férias. Usando as suas casas como caixas multibanco... aprenderam da forma mais difícil — quando tudo se inverteu — que a sua «casa não é um ativo».

Quando os preços da habitação caíram, a utilização dos cartões de crédito diminuiu. Quando os proprietários deixaram de utilizar os seus cartões de crédito, a economia abrandou, porque a economia depende dos gastos dos consumidores e da utilização dos seus cartões de crédito. Quando os consumidores diminuíram os seus gastos, os retalhistas começaram a sofrer e, quando os retalhistas sofrem, a economia mundial sofre.

Atualmente, em 2014, existem cerca de 115 milhões de agregados familiares nos Estados Unidos. Desses 115 milhões de agregados familiares, 43 milhões são arrendatários e 25 milhões são agregados familiares ou famílias cujas casas não estão hipotecadas. Dos cerca de 50 milhões de agregados familiares com hipotecas, estima-se que mais de 24 milhões estejam «submersos», o que significa que devem mais do que o valor da sua casa.

Enquanto os proprietários de casas se sentirem pobres, a economia sofrerá.

A Geração Perdida

Quando os milionários da classe média perderam os seus empregos e as suas casas, e começaram a usar as contas da reforma para pagar as contas, houve outra vítima: os filhos desses milionários.

Em todo o mundo, há uma geração de jovens conhecida como a nova geração perdida. São licenciados, ou têm diplomas de escolas profissionais e escolas secundárias, mas não conseguem encontrar um emprego ou, pelo menos, um emprego que esteja de acordo com o seu nível de educação. Mais do que o rendimento, estão a perder uma experiência de trabalho crucial na vida real. Sem experiência

de trabalho na vida real nos seus 20 e 30 anos, o seu poder salarial e o seu rendimento nos anos seguintes serão afetados, razão pela qual são frequentemente designados como a geração perdida.

Jovem, instruído e com dívidas

Muitas destas pessoas altamente qualificadas terminam o curso com dívidas de empréstimos estudantis, possivelmente a pior de todas as dívidas possíveis. Ao contrário de um empréstimo automóvel, de um empréstimo à habitação ou de um empréstimo comercial, a dívida do empréstimo estudantil raramente é perdoada. Um estudante não pode declarar falência e esperar ser libertado do seu empréstimo. A dívida do empréstimo estudantil é um fardo para um estudante, acumulando juros durante toda a vida. Muitos terão problemas em comprar um carro, uma casa ou em investir para o seu futuro até que esta dívida seja paga. A atual revisão dos programas de empréstimos para estudantes pode resolver estes problemas e desafios.

Muitos destes jovens são «*boomerang kids*», ou seja, jovens que saem de casa e, depois, voltam a viver com os pais. Isto leva a que muitas mães e pais sejam a geração sanduíche, pessoas que agora cuidam dos filhos e dos pais, muitas vezes com três gerações a viver debaixo do mesmo teto.

Outros países oferecem ensino superior gratuito. Nos Estados Unidos, fazemos dos nossos estudantes escravos endividados.

P: *É por isso que diz que toda a gente precisa de uma segunda oportunidade? Porque alguns dos ricos estão a ficar pobres, a classe média está a encolher, a pobreza está a aumentar e os nossos estudantes têm um elevado nível de educação, estão subempregados e muito endividados?*

R: Sim. O mundo está a mudar e o dinheiro está a mudar. Aqueles que estão a operar no passado, com as regras do dinheiro do velho mundo, estão a ser eliminados no presente.

Vivemos na Era da Informação. Há uma abundância de informação, e muita dela é gratuita. Mas sem educação

financeira, uma pessoa não pode converter essa informação em conhecimento.

P: *E se o conhecimento é poder, então há milhões de pessoas com um elevado nível de educação, mas sem muito poder. É por isso que milhões de pessoas precisam de uma segunda oportunidade... para recuperarem o seu poder?*

R: Sim.

P: *O Vizinho Milionário foi publicado em 1996. Pai Rico, Pai Pobre foi publicado em 1997. Qual foi a diferença entre os dois livros?*

R: *O Vizinho Milionário* era sobre milionários com património líquido.

Pai Rico, Pai Pobre era sobre milionários com fluxo de caixa.

P: *Há alguma diferença?*

R: Uma diferença significativa. Muitos milionários com património líquido contavam os seus *passivos*, como a casa e o carro, como ativos. Quando os mercados imobiliário e bolsista caíram, muitos *milionários com património líquido* foram dizimados porque o valor dos seus passivos caiu.

Muitos *milionários de fluxo de caixa*, milionários que recebem o seu rendimento de ativos reais, ficaram mais ricos. Ficaram mais ricos comprando os passivos dos milionários com património líquido a preços de saldo.

P: *Então, sem educação financeira, milhões de pessoas não compreendem a diferença entre os diferentes tipos de pessoas ricas?*

R: Correto. Há muitas maneiras diferentes de uma pessoa alcançar uma grande riqueza. Por exemplo, uma pessoa pode herdar uma fortuna ou casar-se com uma pessoa rica. Como Warren Buffett costuma dizer: «Há muitas maneiras de entrar no paraíso financeiro.»

Como o meu pai era pobre, um homem sem bens, eu não tinha património para herdar. Também não queria casar por dinheiro. Desde muito cedo, decidi que iria ganhar a minha riqueza à maneira do meu pai rico: através da educação financeira e da aquisição de bens.

P: *Então... sem educação financeira, a maioria das pessoas não sabe a diferença entre ativos e passivos. Por isso, a sua riqueza é roubada por falta de educação financeira. É isso que está a dizer?*

R: Sim. Se uma pessoa soubesse as definições simples de palavras financeiras básicas, a sua riqueza aumentaria. A boa notícia é que as palavras são gratuitas.

Passado, presente e futuro

P: *E é por isso que milhões de pessoas instruídas e trabalhadoras estão a perder a sua riqueza? Tornaram-se escravos instruídos do dinheiro, tal como os escravos sem instrução antes da Guerra Civil. É isso que está a dizer?*

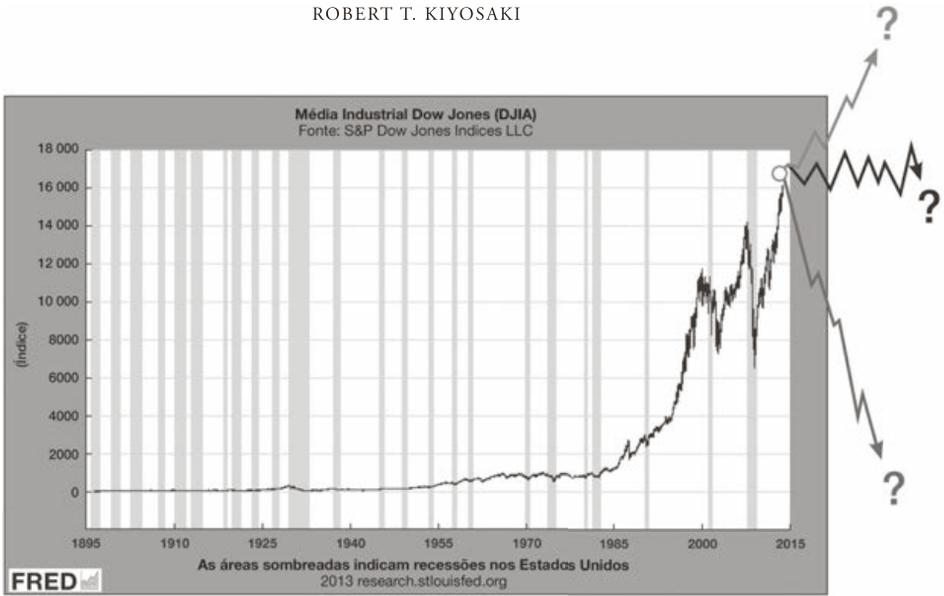
R: Sim. A educação — ou a falta dela — é uma das armas do arsenal dos detentores do poder.

P: *O que está a acontecer aos que estão no poder?*

R: A Era da Informação está a levar a que os detentores do poder percam o poder. É por isso que a sua educação financeira pessoal é mais importante hoje do que em qualquer outra altura da História. As pessoas desesperadas no poder estão a fazer coisas desesperadas para manter a sua ilusão de poder.

P: *O que vê no futuro?*

R: Mais uma vez, as imagens são mais poderosas do que as palavras. Vou mostrar-lhe algumas imagens, acrescentar algumas palavras e deixá-lo decidir o que o futuro lhe reserva.



Neste gráfico, está a ver o passado, o presente e o futuro do Dow Jones Industrial Average. Não é uma medida de toda a economia, mas *é* um instantâneo do que se tem passado numa parte de uma economia complexa.

P: *Então, há três opções para o futuro: subir, descer ou andar de lado?*

R: Sim. As escolhas são sempre as mesmas.

P: *O que vê para o futuro?*

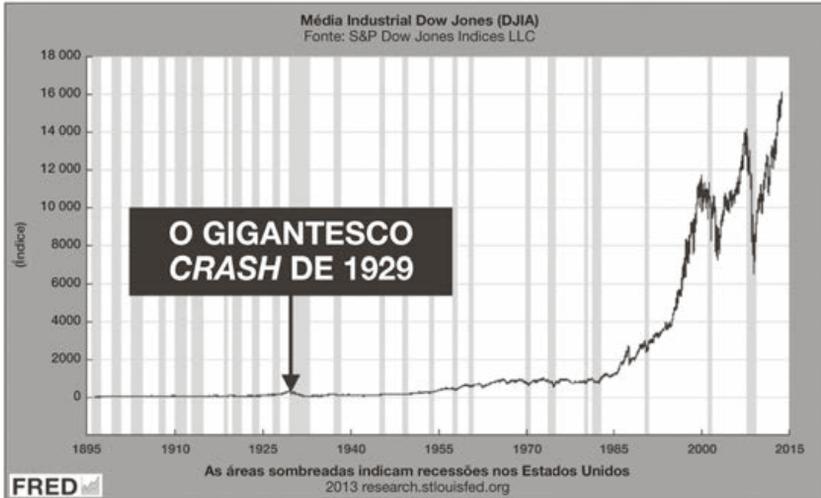
R: A melhor maneira de ver o futuro é olhar para o passado. No gráfico que acabámos de analisar, pode ver o passado e um acontecimento conhecido como a Grande Depressão, um acontecimento marcado pelo *crash* da bolsa de 1929.

P: *Esse foi o grande crash da bolsa de 1929?*

R: Sim.

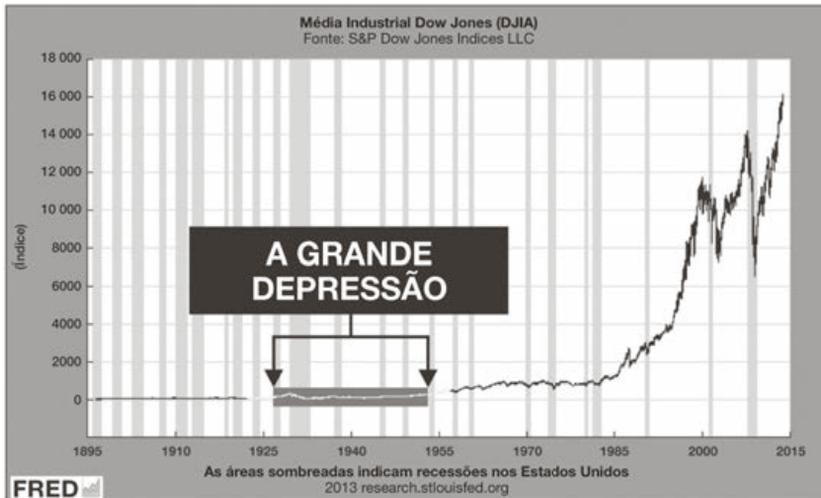
P: *O próximo crash poderá ser maior?*

R: Sim.



P: *O que aconteceria se o próximo crash fosse maior?*

R: *Vêja-se o caso da Grande Depressão.*



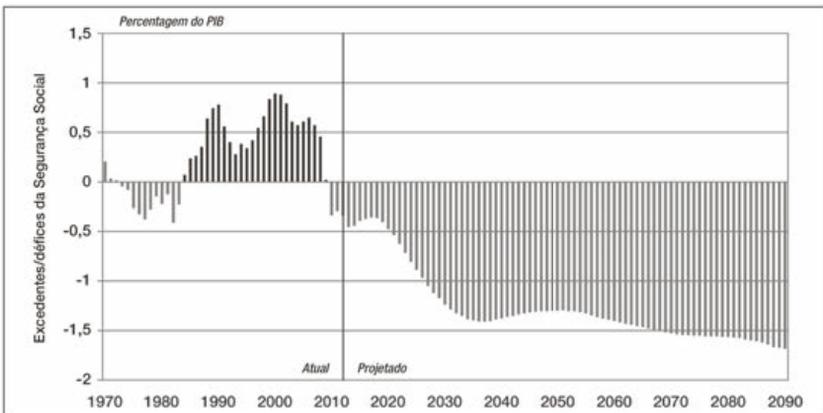
A Grande Depressão, quando medida em relação ao *Dow*, durou vinte e cinco anos, de 1929 a 1954. Em 1929, o *Dow* atingiu um máximo histórico de 381. Foram necessários vinte e cinco anos para que voltasse a atingir 381. Este é um ponto de vista alternativo, pois há quem considere que a depressão terminou em 1939.

P: *Poderemos estar a entrar numa Nova Depressão?*

R: Sim. Muitas pessoas já estão na sua própria Nova Depressão. É por isso que a utilização de senhas de alimentação está a aumentar, a classe média está a diminuir, os estudantes com dívidas de empréstimos estudantis não conseguem encontrar emprego e muitos dos milionários de ontem estão falidos. Além disso, temos o primeiro dos cerca de 76 milhões de *baby boomers* norte-americanos a reformar-se. Muitos, se não a maioria, destes *baby boomers* envelhecidos não têm dinheiro suficiente para se reformarem. Os avanços nos cuidados de saúde e na medicina podem significar que estes *baby boomers* viverão mais tempo, mas é provável que o custo dos cuidados de saúde continue a aumentar, tal como o custo dos alimentos, dos combustíveis e da habitação.

Segurança «assim-assim»

Veja o gráfico abaixo sobre a situação dos fundos da Segurança Social dos Estados Unidos.

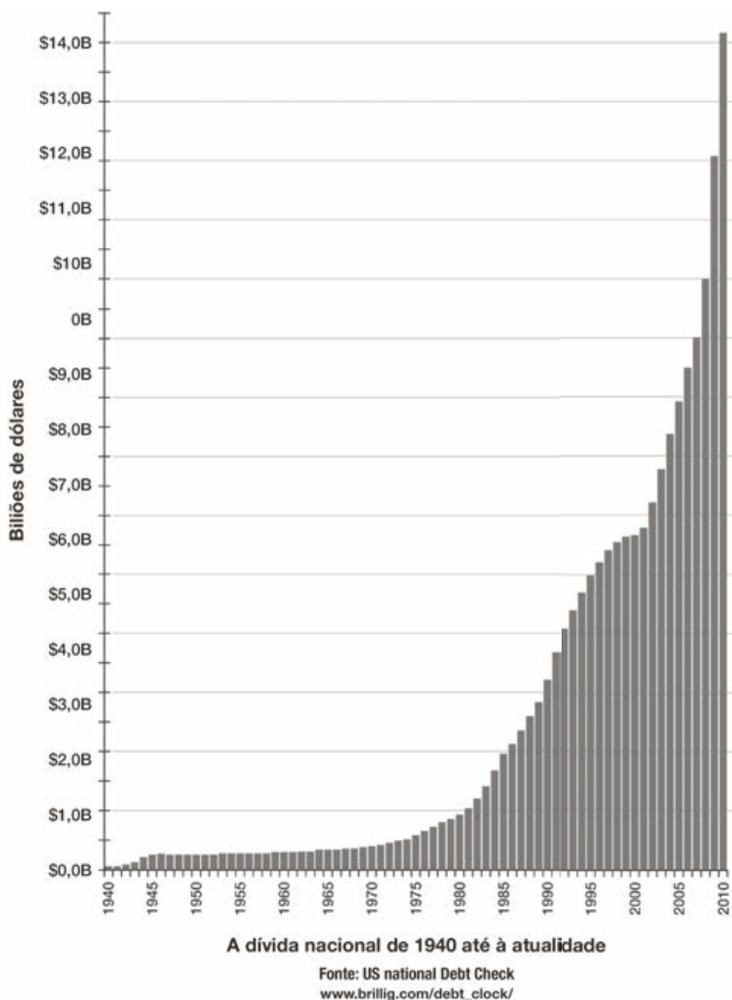


P: *O que significa este gráfico?*

R: Significa coisas diferentes para pessoas diferentes. Se é jovem, significa que é melhor não contar com o governo para cuidar de si. Se é um *baby boomer*, significa que o dinheiro que

pagou para os fundos da Segurança Social desapareceu. Se é da geração da Segunda Guerra Mundial, o seu *timing* foi bom.

Outro gráfico interessante é este sobre a dívida nacional, que conta outra história.



P: *Que história é que este gráfico conta?*

R: Mais uma vez, depende de a quem perguntar. Para a maioria das pessoas, e para o norte-americano comum, não significa nada. Sem educação financeira, a maioria dos norte-americanos

não tem qualquer noção. Este gráfico tem muito pouco significado para eles.

Hoje, a dívida nacional ultrapassa os 17 bilhões de dólares. Para algumas pessoas, isso significa que o fim está próximo. E para alguns, aponta para a oportunidade de uma vida.

P: *O que significa para si?*

R: Embora tenha empatia para com os dois primeiros grupos, pertenço ao terceiro grupo. Ainda que esteja um pouco receoso e muito preocupado com os que vão ser afetados, vejo o futuro com entusiasmo, por ser testemunha da maior mudança de poder e transferência de riqueza na história do mundo. É o início de uma nova era. Se a mudança for bem gerida, muitos dos grilhões da humanidade serão libertados e entraremos numa era de prosperidade sustentável para todos. Se as coisas não correrem bem e os atuais detentores do poder vencerem recorrendo à violência para manterem o controlo do seu poder, poderemos entrar numa Nova Idade das Trevas.

P: *O que vai fazer a diferença?*

R: Muitos fatores terão um papel importante... como a tecnologia e a ascensão da China como potência mundial. No entanto, a grande mudança tem de ser na educação, não só no que ensinamos, mas também na forma como ensinamos.

P: *Quais são, na sua opinião, as hipóteses? Acha que a educação vai mudar?*

R: Não. Não num futuro próximo. Poder-se-ia defender a posição de que aqueles que controlam o sistema monetário também controlam o sistema educativo. Foi por isso que me tornei um empresário do setor da educação em 1984. É por isso que escrevo os meus livros e crio jogos de educação financeira fora do sistema escolar. Hoje sou um híbrido, um empresário como o meu pai rico e um educador como o meu pai pobre.

Como deve saber, acredito na responsabilidade pessoal. Acredito em mudar as coisas que temos a capacidade de mudar e controlar. Cada um de nós tem o poder de se mudar a si mesmo. E a mudança mais fácil — e muitas vezes mais poderosa — que podemos fazer é através da educação.

P: *O que vê no futuro?*

R: Para ver o futuro, é preciso estudar o passado. Como diz o ditado, «quem não aprende com o passado está condenado a repeti-lo».

No passado, existiram dois tipos diferentes de depressões:

1. A Depressão Americana (1929 a 1954)
2. A hiperinflação alemã (1918 a 1924)

P: *Qual foi a diferença?*

R: Em termos muito simples, os norte-americanos não imprimiram dinheiro e os alemães imprimiram.

Na página seguinte, vemos o que aconteceu quando a Alemanha começou a imprimir dinheiro.

A imagem da página seguinte mostra o que acontece quando um banco central e um governo imprimem dinheiro para pagar as suas contas.

Em 1918, um cidadão alemão podia ser «milionário» se tivesse milhões de marcos alemães em poupanças. Em menos de cinco anos, esse mesmo milionário alemão era pobre.

P: *Atualmente, está a acontecer a mesma coisa nos Estados Unidos?*

R: Sim. A Inglaterra, o Japão e a Europa estão todos a imprimir dinheiro.

P: *Por que motivo estão estes países a imprimir dinheiro?*

R: Para pagar as suas contas.

Um milionário em 1923 estava falido cinco anos depois.



É concedida permissão para copiar, distribuir e/ou modificar apenas esta fotografia (e não outras partes deste livro) sob os termos de uma ou mais das seguintes licenças: (1) Licença de Documentação Livre GNU, Versão 1.3, ou qualquer versão posterior publicada pela Free Software Foundation; sem Secções Invariantes, sem Textos de Capa e sem Textos de Contracapa (uma cópia da licença pode ser encontrada em www.gnu.org), e (2) Licença Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported, que pode ser encontrada em <https://creativecommons.org/licenses>.

P: *Pensava que os países cobravam impostos para pagar as suas contas?*

R: Sim. O problema é que a economia mundial está a entrar em colapso, pelo que as contas aumentam à medida que as receitas fiscais da economia diminuem. Um exemplo real é o de uma família de quatro pessoas em que a mãe e o pai trabalham. Um dia, o pai perde o emprego. Embora a mãe continue a trabalhar, o seu rendimento não consegue cobrir as despesas da família, pelo que as contas continuam a acumular-se. A diferença é que a mãe e o pai não podem simplesmente imprimir dinheiro. Um país tem o poder de imprimir a sua moeda... até que o mundo deixe de aceitar a sua moeda como dinheiro.

P: *O que vai acontecer quando as contas da família se tornarem montanhas de dívidas?*

R: Eventualmente, a mãe e o pai podem declarar falência.

P: *O que acontece a um país?*

R: A moeda do país entra em colapso. Isto significa que ninguém aceita o dinheiro do país. O colapso da moeda de um país é o mesmo que a mãe ir à mercearia e descobrir que o seu cartão de crédito foi recusado e que a loja não aceita os seus cheques, apesar de ela ter um emprego.

P: *Foi isso que aconteceu à Alemanha em 1923?*

R: Sim.

P: *Aconteceu recentemente?*

R: Sim. No Zimbabué, outrora o país mais rico de África, em 2008, com a sua moeda, o dólar do Zimbabué.

Uma vez que poucos de nós têm idade suficiente para se lembrarem do colapso da moeda alemã em 1923, viajei para o Zimbabué em 2004 para assistir pessoalmente a um colapso da moeda. Não foi agradável. De facto, foi assustador. Milhões de pessoas fugiram do Zimbabué e dezenas de milhares morreram.

O Zimbabué fora anteriormente conhecido como Rodésia, um nome dado na década de 1880 em homenagem a Cecil Rhodes, outrora o homem mais rico do mundo, um empresário da África do Sul que fez fortuna com diamantes.

Em 1980, a Rodésia tornou-se o Zimbabué — e passou de celeiro de África a caso perdido de África. Porquê? O governo começou a imprimir dinheiro para pagar as suas dívidas. Após o *crash* de 2007, vários dos países mais ricos do mundo começaram a seguir o modelo económico do Zimbabué.

A maioria de nós já passou por uma queda da bolsa ou do mercado imobiliário. Poucos de nós passaram por um colapso monetário. Um colapso monetário é muito diferente dos colapsos do mercado de ações e do mercado imobiliário.

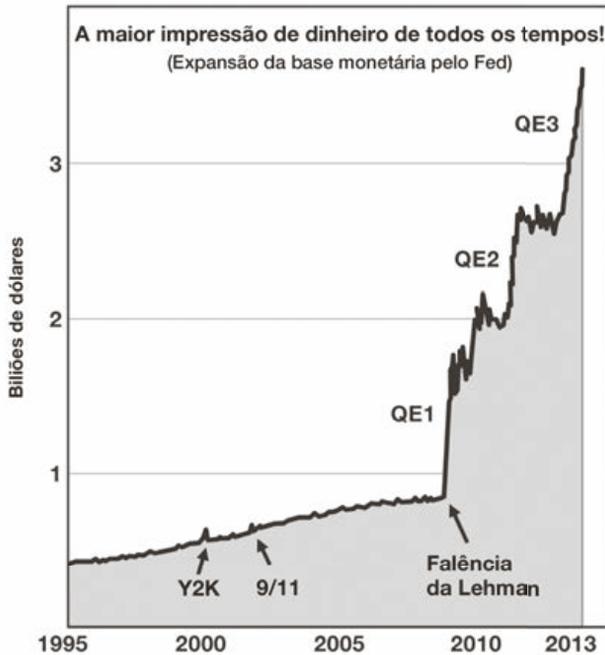
P: *O que posso fazer?*

R: É disso que trata este livro. A Parte Um deste livro começa com a compreensão do passado para que se possa ver o futuro. É por isso que a fotografia de um cidadão alemão, a varrer uma rua cheia de papel-moeda, nos anos 20, é realmente um olhar para o futuro. Lembrem-se sempre de que, quando os governos imprimem dinheiro para pagar contas, o dinheiro torna-se lixo.

P: *Então este livro é sobre a preparação para um colapso da moeda mundial, bem como para um crash das ações e do imobiliário?*

R: É.

Segue-se um gráfico sobre QE, Quantitative Easing.



P: *O que significa?*

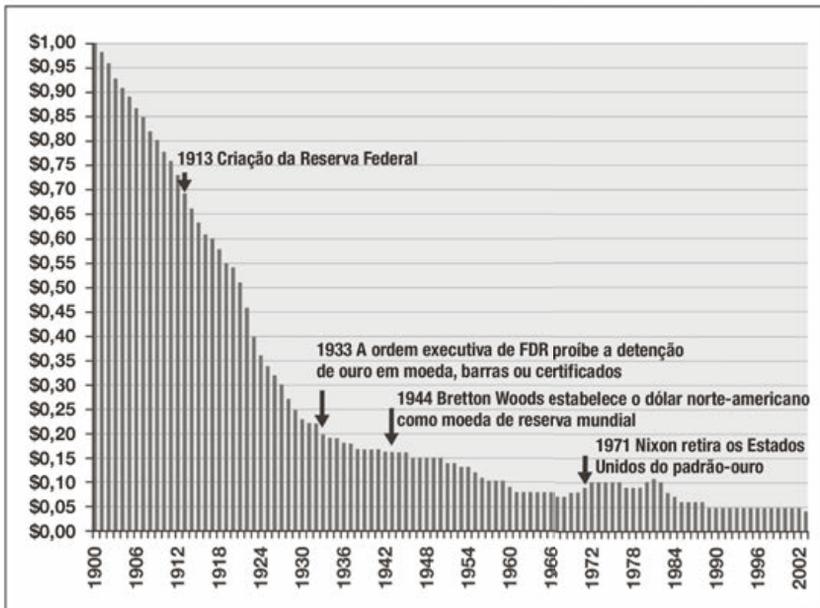
R: Significa que os Estados Unidos estão a seguir o modelo alemão da última Depressão. Os Estados Unidos estão a tentar «imprimir» a sua saída da crise financeira.

P: *O que significa isto para mim?*

R: Significa exatamente o que referi no início deste capítulo. Significa que a riqueza lhe está a ser roubada através do dinheiro pelo qual trabalha tão arduamente. Como eu disse, o sistema monetário não foi concebido para o tornar rico. O dinheiro foi concebido como um meio de roubar a riqueza.

Veja o gráfico abaixo. Mostra o que aconteceu ao poder de compra do seu dinheiro.

Poder de compra do dólar americano (1900–2003)



© 2003 Mary Puplava, *Financial Sense*. Fonte de dados <http://eh.net/hmitppowerus/>

Foram necessários cerca de cem anos para que o dólar perdesse 95% do seu poder de compra. Duvido que sejam necessários mais cem anos para perder os últimos 5%.

P: *Está a dizer que o dólar vai chegar a zero?*

R: Se os Estados Unidos continuarem a imprimir dinheiro, talvez isso aconteça.

P: *Mas isso não pode acontecer nos Estados Unidos, pois não?*

R: Já aconteceu várias vezes.

P: *Quando?*

R: Durante a Guerra Revolucionária, o presidente George Washington e o Congresso dos Estados Unidos começaram a imprimir uma moeda conhecida como Continental para pagar a guerra. Os britânicos ajudaram a destruir a moeda Continental, imprimindo Continentais falsas. Rapidamente, a moeda Continental valia menos do que o papel em que era impressa. Durante a Guerra Revolucionária, «Not worth a Continental» (Não vale uma moeda Continental) era um *slogan* da guerra.

O mesmo aconteceu com o dólar confederado. A Confederação imprimiu dinheiro para pagar as suas contas e comprar armas. Em muitos aspetos, perdeu-se a Guerra Civil devido ao «dinheiro mau».

O governo dos Estados Unidos imprimiu o «*greenback*» para pagar a Guerra Civil. Se o Norte tivesse perdido, o «*greenback*» teria seguido o destino do dólar confederado — direto para o caixote do lixo.

Hoje, se o governo norte-americano continuar a imprimir os atuais «*greenbacks*», também eles poderão ser tão inúteis como os dólares continentais e confederados.

P: *O que acontece se o dólar for para zero?*

R: Significa que os aforradores serão os maiores prejudicados e que aqueles que trabalham para ganhar dinheiro terão perdido a batalha. A sua riqueza desaparecerá. Lembro-me sempre de que um alemão podia ser milionário em 1918 e não ter nada em 1923.

E é por isso que a primeira lição do *Pai Rico, Pai Pobre* é «Os ricos não trabalham por dinheiro».

P: *Se os ricos não trabalham por dinheiro, para que é que os ricos trabalham?*

R: É disso que trata este livro... e a maioria dos meus livros e jogos. Muitas pessoas precisam de uma segunda oportunidade para repensar aquilo para que trabalham.

P: *O que preciso de aprender?*

R: Começaremos pelo passado.

P: *Porquê o passado?*

R: Porque é a partir do passado que podemos ver o futuro. Com o passado, aprenderá como os ricos e poderosos roubam a nossa riqueza através do nosso dinheiro.

Nos capítulos seguintes, ficará a saber como os ricos e poderosos nos enganaram através de um assalto ao dinheiro. Se compreender como funciona o assalto ao dinheiro, terá mais hipóteses de fazer escolhas mais inteligentes no *presente* para um *futuro* mais próspero e seguro.

P: *Todos terão um futuro próspero e seguro?*

R: Não, infelizmente. Receio bem que não.

P: *Porquê?*

R: Porque a maioria das pessoas ainda está no passado. Se estão presas ao passado, não vão entender a Lição 1 do pai rico...
Os ricos não trabalham por dinheiro.

Atualmente, a maioria das pessoas está demasiado ocupada a trabalhar para ter dinheiro, a trabalhar arduamente para pagar as contas e poupar o suficiente para o futuro. Não entenderão a Lição 1 a menos que estejam dispostas a dedicar tempo para compreender primeiro o passado.

Uma segunda oportunidade de pouco serve às pessoas presas ao passado. Como diz a expressão, «A definição de loucura é repetir as mesmas ações e esperar resultados diferente». Quando se trata de dinheiro, muitas pessoas são loucas.

Uma vez que temos de começar pelo passado para ver o futuro, está pronto para ir para o passado? Se a resposta foi «Sim», continue a ler.

P: *Uma última pergunta: Se o dinheiro foi concebido para tornar as pessoas pobres, para lhes roubar a riqueza, então quem é que o dinheiro torna rico?*

R: Os ricos... os ricos que não trabalham para ganhar dinheiro... os ricos que controlam o jogo do dinheiro.

P: *Há quanto tempo é que o jogo está a decorrer?*

R: O jogo do dinheiro existe desde que o ser humano existe na Terra. Os seres humanos sempre quiseram escravizar os outros ou ficar com o que os outros têm. Não se trata de um jogo novo. Os ricos jogam este jogo há muito tempo.

Se é a sua vez de aprender o jogo do dinheiro, o jogo que os ricos jogam, então esta é a sua segunda oportunidade.

TODAS AS CRISES TÊM DOIS LADOS: PERIGO E OPORTUNIDADE

Vivemos num mundo em crise, seja ela económica, moral, de educação ou de liderança. Além disso, estamos todos envolvidos no maior acontecimento evolutivo da história da humanidade, com o fim da Era Industrial e o acelerar da Era da Informação.

Neste livro, Robert T. Kiyosaki desafia os leitores a repensarem o que sabem sobre dinheiro, economia e o futuro. Analisando as lições do passado e expondo duras verdades sobre o presente, o autor revela como se preparar para as possibilidades que se avizinham e como capitalizá-las, podendo, assim, ter uma segunda oportunidade para criar a vida com que sempre sonhou.

Aprenda a:

- Treinar a sua mente para ver para além do que os seus olhos revelam;
- Utilizar a história para se preparar para o futuro;
- Assumir o controlo do seu dinheiro e da sua vida;
- Identificar oportunidades em tempos de crise;
- Prosperar num mundo que está em rápida mudança.



Robert Kiyosaki desafiou e mudou a forma como milhões de pessoas, um pouco por todo o mundo, pensam sobre dinheiro e finanças pessoais. As ideias que defende contrariam a sabedoria convencional, e valeram-lhe já a reputação de irreverente, corajoso e direto. É reconhecido, mundialmente, como um apaixonado defensor da educação financeira.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-734-2



9 789895 837342